

ESPIRITUALIDADE CISTERCIENSE LEITURA(S) DE S. BERNARDO

Defesa contra as acusações de Cluny

«Se nos acusa de que somos os homens mais miseráveis, vestido de andrajos e cingidos com um vulgar cordão e, contudo, nos permitimos julgar o mundo a partir das nossas cavernas, como alguém diz. Entre todas estas acusações, há uma que não conseguimos tolerar: que estamos desacreditando inclusive a vossa Ordem; que chegamos até ao descaramento de difamar dos seus santos monges, que nela levam uma vida louvável; que insultamos desde as sombras da nossa indignidade aqueles que são faróis do mundo» (*Apologia* I.1, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 251).

«Quem pôde surpreender-se alguma vez numa única polémica ou numa murmuração privada contra a vossa Ordem?» (*Apologia* II.4, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 253).

«Mas nunca, nem em público nem em privado, provoquei alguém para que abandonasse a sua Ordem e se passasse para a nossa (...). Como podem pensar e afirmar que condeno a vossa Ordem, quando aos meus amigos convenço para que entrem nela, quando lhe devolvo monges que vêm à nossa e lhes peço com tanta insistência que rezem por mim, o que cumprem com devoção» (*Apologia* II.4, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 255-256)

Defesa do trabalho manual da Regra

«Não obstante, pergunta-se como podem observar a Regra fazendo coisa que são proibidas. Abrigar-se com peles, comer sem necessidade carne ou gordura de carne, comer três ou quatro vezes ao dia, não dedicar-se ao trabalho manual, como está prescrito» (*Apologia* VI.2, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 267)

Imoderação dos monges na comida e bebida

«Não compreendo com se pode enraizar semelhante imoderação entre os monges na hora de comer e beber, em suas cavalgaduras e na construção dos seus edifícios. Chegaram ao extremo de pensar que aí onde

se busca tudo com maior afã, complacência e profusão, aí se vive melhor o espírito da Ordem e é maior a entrega a Deus.

Assim, têm a moderação por avarícia, a sobriedade passa por rigor, o silêncio consideram-no melancolia. E, ao contrário, à relaxação chama discricção, ao esbanjamento generosidade, alegria ao bulício, decoro ao luxo no vestir e ao fausto nas montadas; chamam asseio ao desnecessário desvelo pela comodidade dos leitos» (*Apologia* VIII.16, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 275)

«À falta de carne, da qual ainda se guarda abstinência, repetem-se o mais requintado peixe. Quando já estás saciado com os primeiros pratos, se provas os seguintes, acreditaríeis que não comeste ainda qualquer peixe. Porque é tanto o esmero e a arte com que os cozinheiros preparam tudo que, devorados já quatro ou cinco pratos, ainda podes com outros mais, e a saciedade não mata o apetite. Seduzido o paladar por novos condimentos, vais esquecendo o sabor do prato anterior. E como se estivesses ainda em jejum, excita-se de novo a voracidade com os molhos mais estranhos. Claro que, no final, sem se dar conta, vai-se empanturrando, ainda que a variedade do menu alivie o enjoo. Normalmente nos cansam os alimentos servidos ao natural, tal como nos dá a terra. Mas combinando-se de mil maneira tira-se-lhe o sabor que lhe deu o Criador, excita-se a gula com sabores falsificados e se ultrapassa excessivamente o limite do necessário, ainda que o deleite fique insatisfeito» (*Apologia* IX.20, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 279)

«Quando te sentas à mesa, poderás observar como um monge engole três ou quatro taças cheias, depois de ter cheirado diversos vinhos sem os beber, mas provados sem lhes tocar os lábios, como um consumidor provador que com experta rapidez escolhe por fim [o vinho] mais forte e exótico. Nos dias de solenidade chega-se a impor-se em alguns mosteiros o costume de beber no refeitório vinhos salpicados de mel e polvilhados com especiarias. Também fazem isto por debilidade do estômago? Sejamos sinceros: trata-se somente de poder bebê-lo em abundância e saboreá-lo com maior deleite» (*Apologia* IX.21, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 281)

O luxo do hábito

«Outros afanam-se por vestir-se não com o mais comum, mas com o mais rebuscado. Não para abrigar-se melhor, mas para ostentação. Não se

segue o critério da Regra comprando o mais barato, mas o que se pode levar com mais luxo e afetação» (*Apologia* X.24, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 283)

«... inclusive o hábito – digo-o com dor – que era uma prenda claríssima de humildade, é agora em nossos monges um testemunho de arrogância. Por isso dificilmente podemos encontrar a nossa região nossa região tecidos para nos vestirmos. Monges e soldados, indistintamente, levam a sua cágula ou o seu clâmide da mesma qualidade. E qualquer secular, por muito distinta que seja a sua posição, ainda que seja rei ou mesmo imperado, aceitaria a nossa roupa para seu uso simplesmente consertando-a e adaptando-a ao seu estado de vida» (*Apologia* X. 25, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 285)

«Dir-me-eis que a religião não depende do hábito, porque radica no coração. De acordo. Mas tu vais de cidade em cidade comprar tecido para as cogulas e percorres mercados, meteste-te pelas feiras, olhas em todos os lugares, revistas em todas as dependências, obrigas a que te mostrem todas as peças, toca-las com os dedos, olha-las à luz do sol e vais recusando uma atrás de outra, ou porque são demasiado grossas, ou porque não te gosta a cor; até que, por fim, encontres a que te agrada pela qualidade do seu tecido e pela matiz da sua tinta; e ficas com ela sem que te assuste o preço, por exagerado que seja» (*Apologia* X.26, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 286-287).

A crítica ao imaginário do românico

«... nós, os que saímos do povo, os que deixamos por Cristo todas as riquezas e os tesouros do mundo, temo-lo por lixo [o excesso de decoração litúrgica]. Tudo o que atrai por sua beleza, o que agrada pela sua sonoridade, o que embriaga com o seu perfume, o que agrada pelo seu sabor, o que deleita no seu tato. Em fim, tudo o que satisfaz a complacência corporal

E podemos pretender agora que estas coisas excitem a nossa devoção? Que finalidade perseguíamos com isso? Que ingénuos? Quem sabe se não vivemos como os pagãos e assimilamos a sua conduta rendendo-nos perante os seus ídolos? Falando com toda a sinceridade e sem medo, não nascerá tudo isto da nossa cobiça, que é uma idolatria? Porque não buscamos o bem que podemos fazer, mas os donativos que vão enriquecer-nos. Se me pergunta: de que maneira? Respondo-te: de uma maneira originalíssima. Há uma habilidosa arte que consiste em semear

dinheiro para que se multiplique (...). Porque a simples contemplação de tanta sumptuosidade, que se reduz simplesmente a maravilhosas vaidades, move os homens a oferecer doações mais do que orar. Deste modo, as riquezas geram riquezas. O dinheiro atrai dinheiro, pois não sei por que segredo onde mais as riquezas se ostentam, mais gostosamente se oferecem esmolas. Ficam cobertas de ouro as relíquias de deslumbram-se os olhos, mas abrem-se os bolsos (...).

Que buscam com tudo isto? A compunção dos convertidos ou a admiração dos visitantes? Vaidade das vaidades. Vaidade ou insensatez? Arde de luz a igreja nas suas paredes e agoniza de miséria em seus pobres. Reveste-se de ouro as suas pedras e deixa desnudados os seus filhos. Com o que pertence aos pobres, recria-se os ricos. Encontram onde comprazer-se os curiosos e não têm com que alimentar-se os necessitados» (*Apologia* XII.28, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 289-291)

«Mas nos capitéis dos claustros, onde os irmãos fazem a sua leitura, que razão de ser têm tantos monstros ridículos, tanta beleza disforme e tanta deformidade artística? Esses monos imundos, esses ferozes leões, esses horríveis centauros, essas representações e caretos com corpos de animal e caras de homens, esses tigres com pintas, esses soldados combatendo, esses caçadores com buzinas... Poderás também encontrar muitos corpos humanos pendurados num só cabeça, e um único tronco com várias cabeças. Aqui um quadrúpede com cauda de serpente, ali um pé com cabeça de quadrúpede, ou uma esta com frente de cavalo e os seus traseiros de cabra montês. Ou aquele outro bico com cornos na cabeça e a forma de cavalo na outra metade do seu corpo. Por todo o lado aparece tão grande e prodigiosa variedade dos mais diversos caprichos, que aos monges mais lhes agrada ler nos mármores do que nos códices, e passar todo o dia admirando tanto detalha sem meditar na lei de Deus» (*Apologia* XII. 29, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 293).

Amar a Deus sem medida

«a medida do amor a Deus é amá-lo sem medida. Por outro lado, o objeto do nosso amor a Deus é ele mesmo, um ser imenso e infinito» (*De diligendo Deo*, VI.16, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 323)

Amar a Deus sem recompensa

«Quem ama a Deus não fica sem recompensa, ainda que devamos amá-lo sem ter em conta este prémio. O amor verdadeiro é indiferente ao

prémio, pois não é interessado. É um afeto do coração, não um contrato. Não é fruto de um pacto, nem busca nada análogo. Brota espontâneo e manifesta-se livremente. Encontra em si mesmo a sua satisfação. O seu prémio é o próprio objeto amado» (*De diligendo Deo*, VII.17, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 325)

Coração inquieto

«Possuas o que possuíres, cobices o que não tens, e sempre estarás inquieto pelo que te falta. O coração extravai-se e volta inutilmente depois das enganosas seduções do mundo. Cansa-se e não se sacia, porque tudo devora com ansiedade, e lhe parece nada em comparação com o que quer conseguir. Atormenta-se sem cessar pelo que não tem e não desfruta com paz do que já possui. Haverá alguém capaz de conseguir tudo?» (*De diligendo Deo*, VI.18, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 327)

«Deus faz com que desejes, e é Ele o que desejas» (*De diligendo Deo*, VI.21, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 331)

Saciedade que não cansa

«Com razão chama [o Cântico dos Cânticos] caríssimos os ébrios de caridade, e ébrios os que merecem ser introduzidos nas bodas do Cordeiro para que comam e bebam na mesa do seu reino quando apresente a Igreja gloriosa, limpa de macha e ruga e de todas as imperfeições. Então embriaga a seus amigos e lhes dá a beber a torrente de suas delícias. É aquele abraço tão apertado e tão casto do esposo e da esposa, cujas águas caudalosas coberto de ouro, alegam a cidade de Deus (...). É saciedade que não cansa, curiosidade insaciável e tranquila, desejo eterno que nunca se acalma nem conhece limitações, sóbria embriaguez que não se afoga no vinho nem destila álcool, mas arde em Deus» (*De diligendo Deo*, VI.33, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 347)

Ao Papa Eugénio III

«Vives junto ao sepulcro de Pedro. Ele jamais se apresentou vestido de sedas, ou joias, coberto de ouro, sobre um branco corcel, escoltado por soldados e acompanhado de aparatoso séquito. Mas desnudado de tudo, teve suficiente fé para acreditar que poderia cumprir o mandato do Salvador: se me amas apascenta as minhas ovelhas. Parece que não és

sucessor de Pedro, mas do imperador Constantino» (*De considerationem* III. 6, , 161)

«Acima de tudo, considera que a santa Igreja romana, a que presides por vontade de Deus, é mãe das Igrejas e não senhora; que tu não és senhor dos bispos mas um deles; melhor ainda, irmão dos que amam a Deus e um entre os que o temem» (*De considerationem* VII. 23, in SAN BERNARDO, *Obras Completas II*, BAC, Madrid 1994, 183)

Sobre o luxo dos bispos

«É cruel apropriar-se o que pertence aos irmãos para servir de pábulo à ostentação. Nos extorquis para amontoar riquezas supérfluas. O que necessitamos, roubais-nos para alimentar os vossos caprichos (...). As cavalgadas avançam graves com o peso das joias, e nem sequer nos procurais umas sandálias para os nossos indefesos pés. Pendem do pescoço dos vossos cavacos anéis, correntes, chocalhos e freios guarnecidos com outros objetos tanto pela variedade de cores como pela riqueza do seu material que cobrem a sua nudez. O cúmulo de tudo isto é que tamanha ostentação não a haveis ganhado em atividade comercial nem com o trabalho das vossas mãos; nem tão pouco a tendes por herança, ao menos que digais em vosso coração: *ocupemos por herança o santuário de Deus*» (*Ad Henricum Senonensem* 7, in SAN BERNARDO, *Obras Completas II*, BAC, Madrid 1994, 445).

O luxo dos clérigos

«Temam os clérigos, temam os ministros da Igreja, porque na terra dos santos que eles possuem, cometem grandes iniquidades: não se contentam com os impostos, suficientes para as suas necessidades; atesouram para si impia e sacrilegamente o supérfluo, quando com isso deveriam alimentar os necessitados; não sentem rubor algum em devorar para a sua ostentação e luxúria o sustento dos pobres. Pecam, por tanto, com dupla iniquidade: delapidam o que não lhes pertence e aproveitam-se do sagrado para as suas torpezas e vaidades» (*Serm. CC. 23, V. 13*, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 337)

Unido ao Senhor

«... estar unido ao Senhor é ser um Espírito com Ele; tudo fica transformado em certo afeto divino; pleno de Deus, não se pode sentir nem saborear senão a Deus e o que Deus sente e saboreia. Deus é amor, e quanto mais

unido se está a Deus, tanto mais cheio desse se vive» (Serm. CC. 26, III.5, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 373)

O afeto

«Reconheço o meu afeto, não o nego. Para alguns será carnal. Não nego que seja humano, nem que sou um homem. E se isto não convence, tão pouco negarei que sou carnal» (Serm. CC 26, VI.9, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 381)

«afetado, porque ama apaixonadamente» (Serm. CC. 26, VIII, 12, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 385).

Miséria na misericórdia

«A verdade pura unicamente a compreende o coração puro; e ninguém sente tão ao vivo a miséria do irmão como o coração que assume a sua própria miséria. Para que sintas o teu próprio coração de miséria na miséria do irmão, necessitas de conhecer primeiro a tua própria miséria» (*De gradibus humilitatis et superbiae* III. 6, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 181).

Conhecer-se a si próprio

«Aquele que sinceramente deseje conhecer a verdade própria de si mesmo, deve tirar a trave da sua soberba, porque impede que os seus olhos conectem com a luz. E imediatamente terá que dispor-se a ascender dentro do seu coração, observando-se a si mesmo em si mesmo» (*De gradibus humilitatis et superbiae* III. 15, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 193).

Deixar-se ferir

«Oxalá que o anjo toque também a minha articulação e a minha ponha rígida! A ver se eu, que com a minha fortaleza a única coisa que possa fazer é cair, começo a aproveitar esta debilidade» (*De gradibus humilitatis et superbiae* IX. 26, in SAN BERNARDO, *Obras Completas I*, BAC, Madrid 1993, 209).

O beijo da Encarnação

«... a boca que beija é o Verbo que se encarna; quem recebe o beijo, a carne assumida pelo Verbo» (Serm 2, II.3, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 91)

«essa [a consciência], essa é a alma que deve presumir de que é amada pela ternura do Pai, a que se sente afetada pelo próprio Espírito de amor que o Filho. Tu, quem quer que seja, confia, confia sem vacilar minimamente» (*Serm. CC. 8 VIII*, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 147)

Dor e doçura

«Certamente que é necessário a dor dos pecados, mas não continuamente. Há que variar com a recordação mais agradável da ternura divina, não seja que a tristeza endureça o coração e acabe em desespero. Acrescentemos algo de mel ao amargo; a amargura será salutar e redundará em salvação apenas quando possa beber-se suavizada com a doçura» (*Serm. CC. 11, I.1*, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 173).

A Encarnação: amor carnal

«... que o amor do coração é em certo sentido carnal, porque se sente afetado mais pela carne de Cristo e pelo que Cristo fez ou mandou fazer através da sua carne. Possuído este amor, o coração comove-se em seguida por tudo o que se refere a Cristo carnal (...). Creio que esta foi a causa principal pela qual Deus invisível se manifestou na carne e conviver como homem entre os homens: ir levando gradualmente para o amor espiritual os homens que, por serem carnis, apenas podiam amar carnalmente, e guiar os seus afetos naturais ao amor que salva» (*Serm. CC 20, V. 6*, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 285)

A espada da Palavra em Maria

«Outra flecha é a Palavra de Deus, viva e enérgica, mais penetrante do que uma espada afiada, da qual diz o Salvador: *não vim trazer a paz, mas a guerra*. Espada escolhida é o amor de Cristo, que se cravou e atravessou a alma de Maria, para que não abrigasse em seu peito virginal nem uma só partícula vazia de amor. Ela amou com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças, e foi cheia de graça. Atravessou-a aquela espada para poder chegar até nós outros e todos possamos receber de sua plenitude. Assim passou a ser a mãe do amor, cujo Pai é o amor; ela nos deu à luz e pôs a sua tenda ao sol, para que se cumprisse a Escritura que diz: *Faço de ti luz das nações para que a minha salvação chegue aos confins da terra*» (*Serm. CC. 29 IV.8*, in SAN BERNARDO, *Obras Completas V*, BAC, Madrid 1987, 435)

Restaurar a imagem de Deus no homem interior

«Com razão, pois, o afinco dos santos que desprezam o adorno exterior ou a atenção supérflua do homem exterior, certamente corruptível, consomem-no e empregam-no a cultivar o homem interior – imagem de Deus – que se renova em cada dia. Porque sabem com certeza que nada pode ser mais agradável a Deus do que a sua imagem, quando se restaura segundo a sua própria beleza. Por isso toda a sua glória está dentro, não fora» (*Serm. CC. 25, IV.7, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 361*)

Do conhecer-se a si próprio ao conhecimento de Deus

«Deus dá-se a conhecer salutarmente com esta experiência e disposição [de ternura e compaixão], se o homem se descobre a si mesmo em sua indigência radical; e clamará ao Senhor, que o escutará e lhe responderá: Eu te libertarei e tu me darás glória. Desta maneira o conhecimento próprio é um passo para o conhecimento de Deus» (*Serm. CC. 36, IV.6, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 525*)

«ninguém pode salvar-se sem o conhecimento de si mesmo»

«deves conhecer-te a ti para temer a Deus, para amá-lo» (*Serm. CC. 37 I.1, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 527*)

Saborear-se a si mesmo

«... tu saborear-te-ás como és. Repito que te saborearás como és, quando por experiência própria do amor e da afeição que sentes em ti mesmo, descobres que nada tens digno do teu amor, a não ser por aquele de quem recebes tudo» (*Serm. CC. 50, III.7, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 653*)

«O amor é forte quando está próximo o amado; quando se ausente, debilita-se. Trata-se de certo tédio do impaciente desejo, e inevitavelmente afeta o espírito que ama com ardor na ausência do amado» (*Serm. CC. 51, II.3, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 659*)

As chagas do Senhor

«... eu tomo das entranhas do Senhor o que me falta, pois as suas entranhas transbordam misericórdia entre os ossos pelos quais flui. Perfuraram as suas mãos e pés, atravessaram o seu lado com uma lança. E através dessas fendas posso libar mel silvestre e azeite de pederneiras, posso provar e ver

como é bom o Senhor (...). Pois o cravo penetrante converteu-se para mim na chave que me fez descobrir a vontade do Senhor. Por que não olhar através dessa fenda? Tanto o cravo com as chagas proclamam que em verdade Deus está em Cristo reconciliando o mundo consigo. Uma lança trespassou a sua alma até perto do coração. Já não é incapaz de compadecer-se das minhas debilidades. As feridas que recebeu o seu corpo descobrem-nos os segredos do seu coração, *a entranhável misericórdia do nosso Deus, que nos visitou como o sol que nasce das alturas*. Porque nos temos de admirar que as chagas nos deixam ver essas entranhas? Não temos outro meio mais claro que as tuas chagas para compreender, Senhor, que tu és bom e clemente, rico em misericórdia. Porque não há amor maior do que dar a vida pelos consagrados e pelos condenados» (*Serm. CC. 61, II.4, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 771*)

Toda a alma nas bodas do Cordeiro

«Demonstrámos que toda a alma, ainda que esteja carregada de pecado, presa às redes dos vícios, espreitada pela sedução, cativa no exílio, encarcerada no corpo, ligada à lama, fundida no barro, retida nos membros, atada às preocupações, dispersa pela trabalho, oprimida pelos medos, afligida à dor, errante entre os erros, inquieta pela angústica, desgostosa pelas suspeitas e estrangeira em terra hostil; e como diz o Profeta, contaminada com os mortos, avaliada entre os que jazem no inferno; essa alma, repito, pode voltar-se sobre si mesma, apesar de encontrar-se tão condenada e desesperada, e não só se aliviar com a esperança do perdão e da misericórdia, mas também poderá aspirar tranquila às bodas do Verbo» (*Serm. CC. 83. I.1, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 1027*)

O desejo da alma na ausência do Esposo

«[Quando o esposo se ausenta] a sua única saída [da alma] é buscar com todo o afã o ausente, e amá-lo outra vez quando se vai. Assim, pois, faz vir o Verbo e o chama com o desejo da alma, dessa alma, à qual gratificou antes com a sua doçura. Não é o seu anelo uma verdadeira chamada? E muito forte. Não diz o texto sagrado: O Senhor escuta os desejos do pobre. Ao afastar-se o Verbo escuta uma queija contínua da alma, um desejo contínuo, um contínuo volta, até que volte» (*Serm. CC. 74, I. 2, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 927*)

Buscar a Deus no desejo

«É um grande bem buscar a Deus [quaerere Deum]; não conheço outro semelhante para a alma. Este é o primeiro dom que se recebe e o último em consegui-lo plenamente (...). Eu creio que nem ainda quando o encontraremos, deixaremos de busca-lo. Não se busca a Deus movendo-nos, mas desejando-o. E o feliz encontro não extingue os santos desejos, prolonga-os. Por acaso a plenitude do gozo adormece o anseio? É colocar mais azeite na chama. Assim é. Transbordarei de alegria, mas não se esgota o desejo nem a busca» (*Serm. CC. 84, I.I, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 1035*)

A Amada não teme

«A amada não pode temer. Tremem os que não amam e suspeita, contínuas vinganças. Eu, pelo contrário, amo e não posso duvidar que me ama [o Verbo], e tão pouco do meu amor. Não posso temer o seu rosto, porque experimentei o seu amor» (*Serm. CC. 84, I. 6, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 1041*)

A oração: pedir por o Verbo por si mesmo

«... não rezarás retamente se na oração buscas algo mais que o Verbo ou não buscas [*quaeras*] o Verbo, porque nele se encerra tudo: o remédio das feridas, a ajuda nas necessidades, a compensação dos afetos, a facilidade para avançar e, finalmente, quando o homem deve receber e possuir, quanto lhe convém e necessita. Portanto, é inútil pedir algo distinto do Verbo, porque ele é tudo» (*Serm. CC. 86, II.3, in SAN BERNARDO, Obras Completas V, BAC, Madrid 1987, 1065*)